

**O PROFESSOR DE LÍNGUA PORTUGUESA FRENTE À RELAÇÃO NORMA - USO****THE PORTUGUESE TEACHER REGARDING THE RELATION NORM - USE**Helio TUCCI <sup>1</sup>

**Resumo:** Este artigo pretende trazer uma reflexão sobre a atuação do professor de Língua Portuguesa frente ao aluno e ao conteúdo nos dias atuais. Pretende-se expor algumas questões relevantes para estimular uma discussão sobre: O ensino de Língua Portuguesa dentro de uma sociedade em processo de contínua transformação, na qual a relação "norma-uso" deve ser constantemente reexaminada. Pretende-se ainda, enfatizar a importância do enfoque oferecido pela Lingüística Textual neste processo.

**Palavras-chave:** Professor, Aluno, Sociedade, Norma, Uso.

**Abstract:** This article intends to bring a reflection about the Portuguese teacher's performance regarding the student and the content nowadays. We intend to present some relevant questions to stimulate a discussion about the Portuguese teaching in a society that is in a continuous process of transformation and in which the relation "norm-use" must be constantly reexamined. We also intend to emphasize the importance of the Textual Linguistics Approach in this process.

**Keywords:** Teacher, Student, Society, Norm, Use.

A questão "norma-uso" em Língua Portuguesa sempre gerou discussão entre gramáticos, professores de Língua Portuguesa e pesquisadores em geral. De um lado a norma culta, caracterizada pelo aspecto normativo de regras e preceitos, de outro as tendências gerais da língua, sobre as quais muitas vezes não há controle. Diante de tal situação, cabe ao gramático da Língua Portuguesa se posicionar sobre as questões dos desvios, inerentes a qualquer idioma e passíveis de estudo. É natural que, diante dessa questão, surjam opiniões diversas e até mesmo antagônicas; portanto na pauta da discussão algumas perguntas são freqüentes: O que considerar e o que não considerar correto em Língua Portuguesa? O

que deve e o que não deve ser aceito como padrão? Muitos não defendem a normatividade, contudo, torna-se oportuno lembrar que, se a gramática não se relaciona com a norma, por outro lado o desempenho eficiente, em certos registros, depende da conformação do texto a determinados padrões vigentes e aceitos na sociedade (Neves, 2001, p.229).

Elemento integrante neste processo de discussão é o professor de Língua Portuguesa; a ele cabe, como agente preponderante na relação ensino-aprendizagem, um posicionamento sobre o assunto. Dispõe o professor da faculdade de escolha da forma de transmissão do saber;

1- Especialista em Língua Inglesa e Mestrando em Comunicação e Letras, Professor da Universidade Guarulhos (UnG).

dispõe ainda, atualmente, de novos referenciais e de toda a gama de inovações frente a seu trabalho, fatores de uma sociedade em transformação, globalizada e caracterizada por maior permissividade em diversos níveis, inclusive o lingüístico. Desta forma, em tempos de globalização, *internet*, entre outros veículos de comunicação, algumas questões são decorrentes: O que ensinar em Língua Portuguesa? Como ensinar Língua Portuguesa? Como lidar com a relação "norma-uso" em uma sociedade na qual a informação é cada vez mais ágil, trazendo novos códigos e variantes que atuam entre os falantes e que aceleram ainda mais o caráter dinâmico de uma língua? Tais questões têm trazido muitas dúvidas, no entanto, parece haver concordância quanto à idéia de que o professor de Língua Portuguesa não deva esquecer a norma, colocada como o conjunto de imposições que explica a permanência de um sistema lingüístico, contudo, não deva com isso relegar as novas possibilidades lingüísticas de uma sociedade em transformação. Assim, o que se espera do professor é que ele se esforce para prover ao aluno toda a apropriação de vivências e de conhecimentos que lhe assegure um domínio lingüístico capaz de garantir a produção de textos adequados às situações, de modo que ele possa ocupar posições na sociedade. Por outro lado, também se espera da escola que ela não crie um confronto entre registros que constitua estigmatização e banimento para o lado do aluno (Neves, 2001, p.231).

Parece consenso, entre a maioria dos pesquisadores, a idéia de que o perfeito equilíbrio entre "norma" e "uso" permita que uma língua mude gradualmente e continue sendo a mesma na sua essência. Parece, ainda, inevitável concebê-la como um organismo vivo, sujeito a mudanças que determinam uma variedade de registros ao longo do tempo. Afinal, já em 1915 Ribeiro desmanchava o mito da existência de uma

língua estática, constatando que todo o estudo da gramática que não fosse acompanhado de observações sobre a história da língua em sua evolução progressiva, era incompleto e repellido para o puro domínio dos estudos abstratos e metafísicos (Ribeiro, 1915, p. 7). Assim, espera-se que o professor de Língua Portuguesa não apenas ensine os aspectos gramaticais, mas também faça com que o aluno reconheça o caráter dinâmico de sua língua e opere adequadamente nos diferentes tipos de variação lingüística, a fim de que possa interagir socialmente, e de forma eficaz, nas diferentes situações lingüísticas que lhe forem apresentadas; adequadas as palavras de Bechara ao afirmar que todo falante, dentro de sua língua histórica, é "plurilíngüe" ou "poliglota", e que, ao lado de uma técnica que considera normal como sua, consegue distinguir "desvios" dessa técnica, que pertencem a outras línguas funcionais existentes na referida língua histórica. (Bechara, 1993, p.55). Ainda analisando a questão "norma-uso", sabe-se que, ao aluno é oferecido um tempo de aprendizagem e um tempo de expressão; o primeiro pertinente à aquisição da "norma", o segundo pertinente aos momentos em que afloram diferentes aspectos e realizações, relaciona-se este portanto ao "uso". No tempo de aprendizagem, o aluno entra em contato com o conjunto de normas de uma língua, no tempo de expressão entra em contato com as tais variações ocorridas dentro do sistema lingüístico. Enquanto o tempo de aprendizagem compromete-se com o estudo da gramática, o tempo de expressão ajusta-se ao nível do texto.

Assim, cabe ao professor de Língua Portuguesa não desprezar nem aquela, nem esta abordagem, mas sim ter presente que o aprendizado do dialeto padrão por parte do aluno, não signifique a depreciação da forma de falar predominante em sua família ou em seu grupo social.

Desta forma, deduz-se que o caminho mais seguro para conciliar Gramática Normativa com a permissividade sugerida pelas novas propostas seja apresentar o uso da língua em funcionamento, em outras palavras, justificar o significado deste ou daquele aspecto gramatical dentro do próprio texto, sem desprezar a forma de falar predominante do aluno. Tal pensamento ajusta-se às propostas da Lingüística Textual, segundo as quais uma descrição-explicação do funcionamento da língua não deve limitar-se ao nível da gramática; mais do que isto, deve ater-se aos processos de constituição do texto, fazendo deste uma unidade global e dotada de suficientes elementos de coesão e coerência. Hoje, vem aumentando o esforço por parte dos lingüistas, em desenvolver novas estratégias para o ensino e aprendizagem de Língua Portuguesa em termos de produção textual. Desta forma, a frase não deve ser vista como uma simples seqüência de palavras, nem o texto como uma mera sucessão de frases (Guimarães, 2003, p.21).

Durante muito tempo, pouco se fazia em torno da produção textual em termos de ensino de Língua Portuguesa, quando o estudo da linguagem se limitava a questões puramente gramaticais. Hoje, contudo, presenciemos alguns avanços dentro Lingüística, a qual apresenta o texto como importante objeto de investigação dentro do ensino em todos os níveis, a unidade na qual se manifesta o complexo das funções que a língua exerce. Ainda assim, muitas gramáticas tradicionais não incorporam tais avanços, trazendo-nos modelos teóricos ultrapassados, o que torna necessário, a nossos professores de Língua Portuguesa, retomar a discussão à luz dos avanços da Lingüística Textual.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BECHARA, E. 1993. *Ensino da gramática: Opressão? Liberdade?* São Paulo, Ática.
- GUIMARÃES, E. 2003. *A articulação do texto*. São Paulo, Ática.
- NEVES, M.H. de M. 2001. *A gramática: história, teoria e análise, ensino*. São Paulo, Editora UNESP.
- RIBEIRO, E.C. 1915. *Serões grammaticas ou nova grammatica portugueza*. Bahia, Estabelecimento dos dois mundos.